

ESTUDA O HISTÓRICO DE CONSTITUIÇÃO E TRANSFORMAÇÕES
TÉCNICAS, FORMAIS E CONCEITUAIS NO UNIVERSO DAS IMAGENS
E DA LITERATURA



ANÁLISE DE TEXTO

COM FERNANDA PESSOA

SIMULADO SURPRESA 1



1. (Ueg)



PRAZERES, Heitor dos Arcos. *Carnaval nos Arcos* (1961). Óleo sobre tela. Disponível em: <<http://artenarede.com.br/blog/index.php/ate-o-carnaval-chegar/>>. Acesso em: 22 out. 2018.

Ela desatinou
Ela desatinou, viu chegar quarta-feira
Acabar brincadeira, bandeiras se desmanchando
E ela inda está sambando
Ela desatinou, viu morrer alegrias, rasgar fantasias
Os dias sem sol raiando e ela inda está sambando
Ela não vê que toda gente
Já está sofrendo normalmente
Toda a cidade anda esquecida, da falsa vida, da
avenida
Onde Ela desatinou, viu chegar quarta-feira
Acabar brincadeira, bandeiras se desmanchando
E ela inda está sambando
Ela desatinou, viu morrer alegrias, rasgar fantasias
Os dias sem sol raiando e ela inda está sambando
Quem não inveja a infeliz, feliz
No seu mundo de cetim, assim
Debochando da dor, do pecado
Do tempo perdido, do jogo acabado.

BUARQUE, Chico. *Ela desatinou*. In: *Todas as canções*. Rio de Janeiro: Record, 2004. p. 210.

Tanto a pintura quanto a letra de música apresentadas

- veiculam uma preocupação oriunda do universo do trabalho e da ordem.
- deixam-se pautar por uma abordagem estética da alegria e da festividade.
- explicitam a ideia de que o carnaval causa uma emoção sempre passageira.
- ironizam o contentamento dos que são felizes apenas em tempos de festa.
- abordam a vivência de pessoas que se negam a enfrentar o cotidiano.

2. (S1 - ifpe)

LER NOS TORNA MAIS FELIZES

(1) “A leitura nos torna mais felizes e nos ajuda a enfrentar melhor a nossa existência. Os leitores vivem mais contentes e satisfeitos do que os não leitores, e são, em geral, menos agressivos e mais otimistas”. A afirmação é dos responsáveis por uma análise efetuada recentemente pela Universidade de Roma III a partir de entrevistas com 1.100 pessoas. Aplicando índices como o da medição da felicidade de Vennhoven e escalas como a Diener para medir o grau de satisfação com a vida, os pesquisadores chegaram a essas conclusões, que demonstram, como afirma Nuccio Ordine, autor do manifesto “A Utilidade do Inútil”, que “alimentar o espírito pode ser tão importante quanto alimentar o corpo”. E que precisamos, bem mais do que se imagina, dessas experiências e conhecimentos que não se traduzem em benefícios econômicos.

(2) Como nos sentimos e quais mudanças experimentamos ao mergulhar em uma história? Há um efeito transformador? Os protagonistas das ficções nos levam a que enxerguemos as nossas contradições e os nossos desejos? Fazem com que nos recordemos de coisas essenciais, talvez esquecidas?

(3) A ciência possui cada vez mais recursos para responder a essas perguntas. Artigos publicados em revistas especializadas expõem resultados de ressonâncias magnéticas que revelam a alta conectividade que se estabelece no sulco central do cérebro, região do motor sensorial primário, e no córtex temporal esquerdo, área associada à linguagem, enquanto lemos um livro e depois de acabá-lo.

(4) O estresse se reduz e a inteligência emocional sai ganhando, assim como o desenvolvimento psicossocial, o autoconhecimento e o cultivo da empatia, segundo uma equipe de neurocientistas da Universidade de Emory, em Atlanta, que monitoraram as reações de 21 estudantes durante 19 dias seguidos. A leitura pode até mesmo alterar comportamentos por meio da identificação com os protagonistas das histórias lidas, defende Keith Oatley, romancista e professor de Psicologia Cognitiva da Universidade de Toronto.

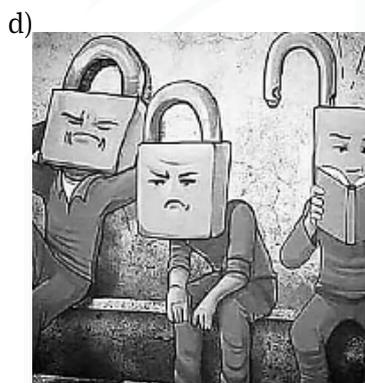
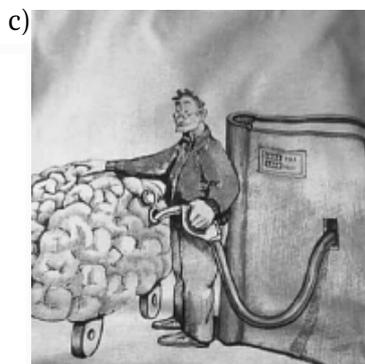
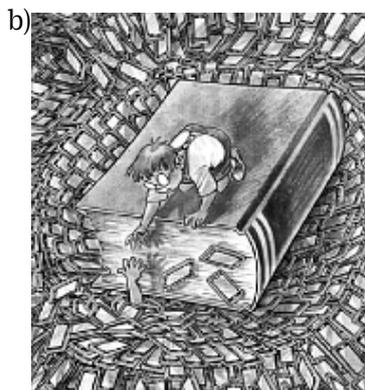
(5) “É muito custoso, para nós, colocarmo-nos no lugar do outro no dia a dia, mas quantas vezes já não nos colocamos na pele de um personagem de romance? Criamos uma empatia com ele e isso nos ajuda a compreender melhor os sinais emitidos pelos

outros”, argumenta Antonella Fayer, psicóloga e coach especializada no desenvolvimento da liderança, para quem “as lições sobre dilemas morais e emocionais que encontramos na literatura são necessárias para todas as pessoas, e, muito especialmente, para aquelas que estão convencidas de que não têm tempo. Seria conveniente para elas se conseguissem parar um pouco e fazer leituras para melhorar a sua compreensão dos outros”, assinala Fayer, fazendo uma alusão às palavras de Alan Brew, ex-editor do Financial Times: “Ler os grandes autores faz de você uma pessoa mais bem preparada para tomar decisões criativas, interessantes e educadas”.

(6) O convencimento quanto aos benefícios gerados pela leitura é o que move a School of Life, um centro londrino de biblioterapia que prescreve livros para ajudar na superação de conflitos (rupturas, disputas etc). Como diz o filósofo Santiago Alba Rico - autor de “Leer con niños” (Ler com crianças), um ensaio que estimula nos pais o prazer de compartilhar histórias com seus filhos -, a leitura, como a paixão, é um “vício virtuoso”. Quando conhecemos o bem que ela nos proporciona, não conseguimos deixar de praticá-la. Voltemo-nos, portanto, para a literatura, como convidava Cortázar, “como se vai aos encontros mais essenciais da existência, como se vai ao encontro do amor e, às vezes, da morte, sabendo que fazem parte de um todo indissolúvel, e que um livro começa e termina muito antes e muito depois de sua primeira e de sua última página”.

RODRÍGUEZ, Emma. *Ler nos torna mais felizes*. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2016/01/22/eps/1453483676_726569.html>. Acesso em: 19 out. 2019 (adaptado).

O texto explicita alguns dos benefícios da leitura. Considerando esses benefícios e outros oriundos do hábito de ler, analise as alternativas a seguir e assinale aquela que NÃO apresenta claramente um desses benefícios.



3. (Fmc)

A varíola

Graciliano Ramos

Oswaldo Cruz achava que era vergonhoso uma pessoa apresentar marcas de bexigas. ¹Pensando como ele, o Congresso tornou obrigatória a vacina.

E muita gente se descontentou. ²Estávamos ou não estávamos em uma terra de liberdade? Tínhamos ou não tínhamos o direito de adoecer e transmitir nossas doenças aos outros?

A 14 de novembro de 1904 houve um motim: sublevou-se a Escola Militar, o general Travassos morreu, Lauro Sodré, senador, e Alfredo Varela, deputado, foram presos.

³Assim, além das vítimas que ordinariamente causa, a varíola produziu essas.

RAMOS, Graciliano. *A varíola*. In: _____. *Pequena história da república*. Rio de Janeiro: Record, 2020. p. 80-81.

Graciliano Ramos, um dos maiores nomes da Literatura Brasileira, escreveu sobre a realidade nacional sem perder o estilo literário que tanto marcou sua obra. O texto em tela deve ser considerado

- a) um conto, por narrar ficcionalmente um acontecimento com personagens, tempo e lugar.
- b) uma crônica, por tratar criticamente de um fato histórico da época.
- c) um editorial, por expressar reflexivamente o ponto de vista desse escritor renomado.
- d) uma resenha, por abordar especificamente a desavença de 14 de novembro de 1904.
- e) uma reportagem, por comprovar realisticamente fatos com datas e nomes não ficcionais.

4. (Ufpr)

Diverti-me imensamente com a história dos imbecis da web. Para quem não acompanhou, ¹foi publicado em alguns jornais e também on-line que ²no curso de uma chamada ³*lectio magistralis* em Turim eu teria dito que a web está cheia de imbecis. ⁴É falso. A *lectio* era sobre um tema completamente diferente, mas isso mostra como as notícias circulam e se deformam entre os jornais e a web. A história dos imbecis surgiu numa conferência de imprensa durante a qual, respondendo a uma pergunta que não me lembro mais, fiz uma observação de puro bom senso. Admitindo que em 7 bilhões de habitantes exista uma taxa inevitável de imbecis, muitíssimos deles costumavam comunicar seus delírios aos íntimos ou aos amigos do bar - e assim suas opiniões permaneciam limitadas a um círculo restrito. Hoje uma parte consistente dessas

pessoas tem a possibilidade de expressar as próprias opiniões nas redes sociais e, portanto, tais opiniões alcançam audiências altíssimas e se misturam com tantas outras ideias expressas por pessoas razoáveis.

[...]

É justo que a rede permita que mesmo quem não diz coisas sensatas se expresse, mas o excesso de besteira congestiona as linhas. E algumas reações descompensadas que vi na internet confirmam minha razoabilíssima tese. Alguém chegou a dizer que, para mim, as opiniões de um tolo e aquelas de um ganhador do prêmio Nobel têm a mesma evidência e não demorou para que se difundisse ⁵viralmente uma inútil discussão sobre o fato de eu ter ou não recebido um prêmio Nobel - sem que ninguém consultasse sequer a Wikipédia.

(Umberto Eco - *Os imbecis e a imprensa responsável*, 2017.)

A questão central apontada pelo autor no texto pode ser corretamente sintetizada no fato de que:

- a) ele tenha se divertido com os comentários a respeito da presença dos imbecis na web.
- b) na web, as opiniões atingem audiências altíssimas por expressarem ideias absurdas.
- c) a opinião de um ganhador do prêmio Nobel e a de um imbecil têm o mesmo peso na web.
- d) as notícias sofrem distorções durante o processo de circulação entre as diferentes mídias.
- e) os navegadores da web não conferiram a informação sobre ele ter recebido ou não um prêmio Nobel.

5. (Enem)

COM NICIGA, PARAR DE FUMAR FICA MUITO MAIS FÁCIL

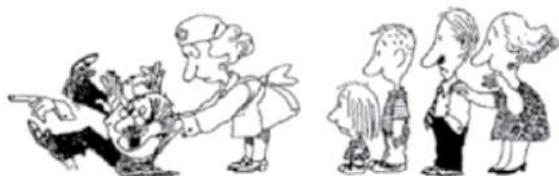
1. Fumar aumenta o número de receptores do seu cérebro que se ativam com nicotina.
2. Se você interrompe o fornecimento de uma vez, eles enlouquecem e você sente os desagradáveis sintomas da falta do cigarro.
3. Com seus adesivos transdérmicos, Niciga libera nicotina terapêutica de forma controlada no seu organismo, facilitando o processo de parar de fumar e ajudando a sua força de vontade. Com Niciga, você tem o dobro de chances de parar de fumar.

Revista *Época*, 24 nov. 2009 (adaptado).

Para convencer o leitor, o anúncio emprega como recurso expressivo, principalmente,

- as rimas entre Niciga e nicotina.
- o uso de metáforas como “força de vontade”.
- a repetição enfática de termos semelhantes como “fácil” e “facilidade”.
- a utilização dos pronomes de segunda pessoa, que fazem um apelo direto ao leitor.
- a informação sobre as consequências do consumo do cigarro para amedrontar o leitor.

6. (Fac. Albert Einstein - Medicin 2019)



VOVÔ ERA UM CASO PATOLÓGICO, VIVIA ATERRORIZADO POR HORRENDOS FANTASMAS QUE O PERSEGUIAM vindos DO PASSADO.



UM DIA CONSEGUIMOS CONVENCÊ-LO A QUE OLHASSE, JUNTO CONOSCO, PARA O FUTURO.



DESDE ENTÃO, TODA A FAMÍLIA SOMOS UM CASO PATOLÓGICO, VIVEMOS ATERRORIZADOS POR HORRENDOS FANTASMAS QUE NOS ESPERAM NO FUTURO.

(Que presente inapresentável!, 2010. Adaptado.)

Na tira,

- os fantasmas que aguardam no futuro mostram-se mais aterrorizantes do que aqueles vindos do passado.
- a confusão entre passado e futuro leva o restante da família a compartilhar a patologia do avô.
- os fantasmas escondidos no presente levam o avô a desconsiderar os perigos dos fantasmas vindos do

passado.

- o restante da família também passa a ser aterrorizada pelos fantasmas vindos do passado.
- a tentativa do restante da família de convencer o avô a olhar para o futuro não surte efeito algum.

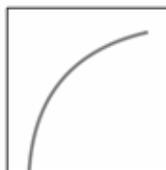
7. (Unesp 2019) Amilcar de Castro (1920-2002) foi um importante artista brasileiro que se destacou por suas esculturas em ferro. A fotografia mostra uma de suas esculturas, feita a partir de uma chapa originalmente plana e retangular, que se encontra na Praça da Sé, em São Paulo.



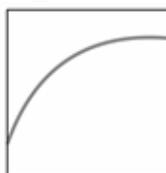
(<http://enciclopedia.itaucultural.org.br>)

A escultura possui influências do movimento artístico

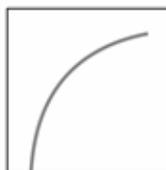
a) neoconcreto e apresenta um corte e uma dobra na chapa. A representação da chapa original e seu corte correspondem à figura



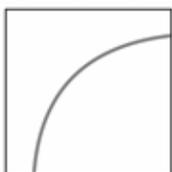
b) cubista e apresenta um corte na chapa, seguido de soldagem. A representação da chapa original e seu corte correspondem à figura



c) neoclássico e apresenta um corte e uma dobra na chapa. A representação da chapa original e seu corte correspondem à figura



d) neoclássico e apresenta um corte na chapa, seguido de soldagem. A representação da chapa original e seu corte correspondem à figura



e) neoconcreto e apresenta um corte e uma dobra na chapa. A representação da chapa original e seu corte correspondem à figura



8. (Fgv)

A baratinha velha subiu pelo pé do copo que, ainda com um pouco de vinho, tinha sido largado a um canto da cozinha, desceu pela parte de dentro e começou a lambiscar o vinho. Dada a pequena distância que nas baratas vai da boca ao cérebro, o álcool lhe subiu logo a este. Bêbada, a baratinha caiu dentro do copo. Debateu-se, bebeu mais vinho, ficou mais tonta, debateu-se mais, bebeu mais, tonteou mais e já quase morria quando deparou com o carão do gato doméstico que sorria de sua aflição, do alto do copo.

- Gatinho, meu gatinho -, pediu ela - me salva, me salva. Me salva que assim que eu sair daqui eu deixo você me engolir inteirinha, como você gosta. Me salva.

- Você deixa mesmo eu engolir você? - disse o gato.

- Me saaaalva! - implorou a baratinha. - Eu prometo.

O gato então virou o copo com uma pata, o líquido escorreu e com ele a baratinha que, assim que se viu no chão, saiu correndo para o buraco mais perto, onde caiu na gargalhada.

- Que é isso? - perguntou o gato. - Você não vai sair daí e cumprir sua promessa? Você disse que deixaria eu comer você inteira.

- Ah, ah, ah - riu então a barata, sem poder se conter. - E você é tão imbecil a ponto de acreditar na promessa de uma barata velha e bêbada?

Moral: Às vezes a autodepreciação nos livra do pelotão.

(Diana Luz Pessoa de Barros. *Teoria semiótica do texto*, 2005.)

Assinale a alternativa que ilustra um momento em que, em situação de evidente desigualdade, um personagem zomba (tem uma atitude sarcástica) da situação do outro.

- “Dada a pequena distância que nas baratas vai da boca ao cérebro, o álcool lhe subiu logo a este.”
- “Debateu-se, bebeu mais vinho, ficou mais tonta, debateu-se mais, bebeu mais, tonteou mais”.
- “já quase morria quando deparou com o carão do gato doméstico que sorria de sua aflição, do alto do copo.”
- “- Gatinho, meu gatinho -, pediu ela - me salva, me salva.”
- “O gato então virou o copo com uma pata, o líquido escorreu e com ele a baratinha”.

9. (Ebmsp)



A cena é cotidiana nos consultórios médicos: entre o “bom dia” e o “até logo”, dados pelo profissional, passam-se apenas 20, 15 e, às vezes, inacreditáveis três minutos. Quando muito, dá tempo apenas para o paciente falar dos sintomas mais aparentes, pegar na mão do médico uma lista de exames a ser feitos ou de remédios a ser tomados. Para que servem e quando mesmo devem ser tomados? Difícil lembrar, já que as explicações foram tão rápidas, que nem deu para memorizá-las, como se deveria. Também é evidente que o médico não teve tempo para avaliar, com a precisão necessária, o que foi prescrito.

Trata-se de uma realidade cada vez mais frequente, tanto no Brasil quanto em outros lugares do mundo. Inclusive em consultórios particulares, essas

consultas, que mais se parecem com um drive-thru de lanchonete, são registradas. E isso contribui para as estatísticas judiciais que mostram aumento nos casos de erros médicos.

A PRAGA das consultas a jato. Istoé, e. 2196. Disponível em: <http://istoe.com.br/182300_A+PRAGA+DAS+CONSULTAS+A+JATO>. Acesso em: 22 set. 2016. Adaptado.

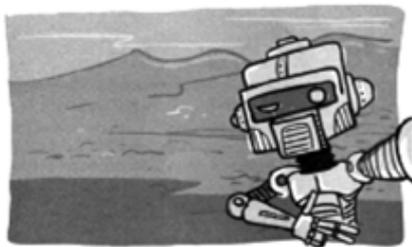
O texto evidencia uma denúncia relacionada com uma prática que vem se tornando comum entre os profissionais da área da saúde.

Para defender a ideia de que o paciente nem sempre sai seguro das orientações dadas pelo médico, o texto traz, como estratégia argumentativa,

- a) a exemplificação do tempo disponibilizado pelo especialista para cada consulta e a descrição do que ele aborda em cada atendimento.
- b) a incapacidade médica de revisar o diagnóstico dado e o que prescreveu para cada pessoa que por ele foi atendida.
- c) a comparação, por semelhança, entre o comportamento dos profissionais de saúde do Brasil e os de outros países.
- d) uma suposta pergunta retórica, cuja resposta não é avaliada devidamente, resultando na dificuldade de o paciente se apropriar de todas as informações necessárias naquele instante.
- e) a consequência da rapidez imprudente de alguns que atuam nessa área do conhecimento, que é o aumento de processos jurídicos por erros médicos.

10. (Enem)

**NASA DIVULGA A
 PRIMEIRA FOTO FEITA
 PELO ROBÔ OPPORTUNITY
 NO SOLO DE MARTE.
 VEJA:**



WILL. Disponível em: www.willtirando.com.br. Acesso em: 7 nov. 2013.

Opportunity é o nome de um veículo explorador

que aterrissou em Marte com a missão de enviar informações à Terra. A charge apresenta uma crítica ao(a)

- a) gasto exagerado com o envio de robôs a outros planetas.
- b) exploração indiscriminada de outros planetas.
- c) circulação digital excessiva de autorretratos.
- d) vulgarização das descobertas espaciais.
- e) mecanização das atividades humanas.

11. (Unifesp)

O entendimento dos contos

- Agora você vai me contar uma história de amor - disse o rapaz à moça. - Quero ouvir uma história de amor em que entrem caravelas, pedras preciosas e satélites artificiais.

- Pois não - respondeu a moça, que acabara de concluir o mestrado de contador de histórias, e estava com a imaginação na ponta da língua. - Era uma vez um país onde só havia água, eram águas e mais águas, e o governo como tudo mais se fazia em embarcações atracadas ou em movimento, conforme o tempo. Osmundo mantinha uma grande indústria de barcos, mas não era feliz, porque Sertória, objeto dos seus sonhos, se recusava a casar com ele. Osmundo ofereceu-lhe um belo navio embandeirado, que ela recusou. Só aceitaria uma frota de dez caravelas, para si e para seus familiares.

Ora, ninguém sabia fazer caravelas, era um tipo de embarcação há muito fora de uso. Osmundo apresentou um mau produto, que Sertória não aceitou, enumerando os defeitos, a começar pelas velas latinas, que de latinas não tinham um centavo. Osmundo, desesperado, pensou em afogar-se, o que fez sem êxito, pois desceu no fundo das águas e lá encontrou um cofre cheio de esmeraldas, topázios, rubis, diamantes e o mais que você imagina. Voltou à tona para oferecê-lo à rígida Sertória, que virou o rosto. Nada a fazer, pensou Osmundo; vou transformar-me em satélite artificial. Mas os satélites artificiais ainda não tinham sido inventados. Continuou humilde satélite de Sertória, que ultimamente passeava de uma lancha para outra, levando-o preso a um cordão de seda, com a inscrição "Amor imortal". Acabou.

- Mas que significa isso? - perguntou o moço, insatisfeito.

- Não entendi nada.
- Nem eu - respondeu a moça -, mas os contos devem ser contados, e não entendidos; exatamente como a vida.

(*Contos plausíveis, 2012.*)

Observa-se o emprego de expressão própria da linguagem coloquial no trecho

- a) “Só aceitaria uma frota de dez caravelas, para si e para seus familiares” (2º parágrafo).
- b) “Sertória não aceitou, enumerando os defeitos, a começar pelas velas latinas, que de latinas não tinham um centavo” (3º parágrafo).
- c) “Era uma vez um país onde só havia água, eram águas e mais águas” (2º parágrafo).
- d) “Osmundo mantinha uma grande indústria de barcos, mas não era feliz, porque Sertória, objeto dos seus sonhos, se recusava a casar com ele” (2º parágrafo).
- e) “Osmundo, desesperado, pensou em afogar-se, o que fez sem êxito” (3º parágrafo).

12. (Fac. Albert Einstein - Medicina)

- Meu coração está apertado de ver tantas marcas no teu rosto, meu filho; essa é a colheita de quem abandona a casa por uma vida pródiga.
- A prodigalidade também existia em nossa casa.
- Como, meu filho?
- A prodigalidade sempre existiu em nossa mesa.
- Nossa mesa é comendida, é austera, não existe desperdício nela, salvo nos dias de festa.
- Mas comemos sempre com apetite.
- O apetite é permitido, não agrava nossa dignidade, desde que seja moderado.
- Mas comemos até que ele desapareça; é assim que cada um em casa sempre se levantou da mesa.
- É para satisfazer nosso apetite que a natureza é generosa, pondo seus frutos ao nosso alcance, desde que trabalhemos por merecê-los. Não fosse o apetite, não teríamos forças para buscar o alimento que torna possível a sobrevivência. O apetite é sagrado, meu filho.
- Eu não disse o contrário, acontece que muitos trabalham, gemem o tempo todo, esgotam suas forças, fazem tudo que é possível, mas não conseguem apaziguar a fome.
- Você diz coisas estranhas, meu filho.

(*Lavoura arcaica, 2001.*)

No trecho do romance, o filho

- a) acusa o pai por tê-lo impedido de abandonar a casa.
- b) é censurado pelo pai por ter partido em busca de

uma vida pródiga.

- c) discorda da opinião do pai de que o apetite é sagrado.
- d) repreende o pai por ter sacralizado o apetite.
- e) é repreendido pelo pai por não ter se empenhado o suficiente no trabalho.

13. (Ime)

O ELEFANTE

Fabrico um elefante
 de meus poucos recursos.
 Um tanto de madeira
 tirado a velhos móveis
 talvez lhe dê apoio.
 E o encho de algodão,
 de paina, de doçura.
 A cola vai fixar
 suas orelhas pensas.
 A tromba se enovela,
 é a parte mais feliz
 de sua arquitetura.

Mas há também as presas,
 dessa matéria pura
 que não sei figurar.
 Tão alva essa riqueza
 a espojar-se nos circos
 sem perda ou corrupção.
 E há por fim os olhos,
 onde se deposita
 a parte do elefante
 mais fluida e permanente,
 alheia a toda fraude.

Eis o meu pobre elefante
 pronto para sair
 à procura de amigos
 num mundo enfastiado
 que já não crê em bichos
 e duvida das coisas.
 Ei-lo, massa imponente
 e frágil, que se abana
 e move lentamente
 a pele costurada
 onde há flores de pano
 e nuvens, alusões
 a um mundo mais poético
 onde o amor reagrupa
 as formas naturais.

Vai o meu elefante
pela rua povoada,
mas não o querem ver
nem mesmo para rir
da cauda que ameaça
deixá-lo ir sozinho.

É todo graça, embora
as pernas não ajudem
e seu ventre balofo
se arrisque a desabar
ao mais leve empurrão.
Mostra com elegância
sua mínima vida,
e não há cidade
alma que se disponha
a recolher em si
desse corpo sensível
a fugitiva imagem,
o passo desastrado
mas faminto e tocante.
Mas faminto de seres
e situações patéticas,
de encontros ao luar
no mais profundo oceano,
sob a raiz das árvores
ou no seio das conchas,
de luzes que não cegam
e brilham através
dos troncos mais espessos.
Esse passo que vai
sem esmagar as plantas
no campo de batalha,
à procura de sítios,
segredos, episódios
não contados em livro,
de que apenas o vento,
as folhas, a formiga
reconhecem o talhe,
mas que os homens ignoram,
pois só ousam mostrar-se
sob a paz das cortinas
à pálpebra cerrada.

E já tarde da noite
volta meu elefante,
mas volta fatigado,
as patas vacilantes
se desmancham no pó.
Ele não encontrou
o de que carecia,

o de que carecemos,
eu e meu elefante,
em que amo disfarçar-me.
Exausto de pesquisa,
caiu-lhe o vasto engenho
como simples papel.
A cola se dissolve
e todo o seu conteúdo
de perdão, de carícia,
de pluma, de algodão,
jorra sobre o tapete,
qual mito desmontado.
Amanhã recomeço.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *O Elefante*. 9ª ed. - São Paulo:
Editora Record, 1983.

No poema, considerando o elefante fabricado
artesanalmente como uma alegoria para falar da arte,
mandar o elefante à rua aponta para um desejo de

- divulgação daquilo que até então era privado e íntimo.
- invisibilidade da coisa criada.
- anonimato e silenciamento, já que há nas ruas um burburinho incessante que acaba por silenciar tudo o que nela transita.
- fuga às responsabilidades do artista, pois o poeta sucumbe diante de sua inspiração.
- banalização dos sentimentos que inspiraram o poeta a construir seu elefante.

14. (Enem)

IOTTI



Jornal Zero Hora, 2 mar. 2006.

Na criação do texto, o chargista Iotti usa criativamente
um intertexto: os traços reconstróem uma cena de

Guernica, painel de Pablo Picasso que retrata os horrores e a destruição provocados pelo bombardeio a uma pequena cidade da Espanha. Na charge, publicada no período de carnaval, recebe destaque a figura do carro, elemento introduzido por Iotti no intertexto. Além dessa figura, a linguagem verbal contribui para estabelecer um diálogo entre a obra de Picasso e a charge, ao explorar

a) uma referência ao contexto, “trânsito no feriadão”, esclarecendo-se o referente tanto do texto de Iotti quanto da obra de Picasso.

b) uma referência ao tempo presente, com o emprego da forma verbal “é”, evidenciando-se a atualidade do tema abordado tanto pelo pintor espanhol quanto pelo chargista brasileiro.

c) um termo pejorativo, “trânsito”, reforçando-se a imagem negativa de mundo caótico presente tanto em Guernica quanto na charge.

d) uma referência temporal, “sempre”, referindo-se à permanência de tragédias retratadas tanto em Guernica quanto na charge.

e) uma expressão polissêmica, “quadro dramático”, remetendo-se tanto à obra pictórica quanto ao contexto do trânsito brasileiro.

15. (Enem)



Disponível em: www.ivancabral.com. Acesso em: 27 fev. 2012.

O efeito de sentido da charge é provocado pela combinação de informações visuais e recursos linguísticos. No contexto da ilustração, a frase proferida recorre à

a) polissemia, ou seja, aos múltiplos sentidos da expressão “rede social” para transmitir a ideia que

pretende veicular.

b) ironia para conferir um novo significado ao termo “outra coisa”.

c) homonímia para opor, a partir do advérbio de lugar, o espaço da população pobre e o espaço da população rica.

d) personificação para opor o mundo real pobre ao mundo virtual rico.

e) antonímia para comparar a rede mundial de computadores com a rede caseira de descanso da família.

16. (Enem 2ª aplicação 2014) O telefone tocou.

- Alô? Quem fala?

- Como? Com quem deseja falar?

- Quero falar com o sr. Samuel Cardoso.

- É ele mesmo. Quem fala, por obséquio?

- Não se lembra mais da minha voz, seu Samuel? Faça um esforço.

- Lamento muito, minha senhora, mas não me lembro. Pode dizer-me de quem se trata?

ANDRADE, C. D. *Contos de aprendiz*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1958 (fragmento).

Pela insistência em manter o contato entre o emissor e o receptor, predomina no texto a função

a) metalinguística.

b) fática.

c) referencial.

d) emotiva.

e) conativa.

17. (Espm)

Centrando-se, assim, no moderno, [...] faziam apologia da velocidade, da máquina, do automóvel (“um automóvel é mais belo que a Vitória de Samotrácia”, dizia Marinetti no seu primeiro manifesto), da agressividade, do esporte, da guerra, do patriotismo, do militarismo, das fábricas, das estações ferroviárias, das multidões, das locomotivas, dos aviões, enfim, de

tudo quanto exprimisse o moderno nas suas formas avançadas e imprevisíveis.



Victória de Samotrácia
Museu do Louvre, Paris

Massaud Moisés, *Dicionário de Termos Literários, Cultrix*, p. 234.

Levando-se em conta que Filippo Marinetti, fundador do movimento a que se refere o texto, rejeitou o passado e defendeu a extinção de museus e cidades antigas, ao afirmar que “um automóvel é mais belo que a Vitória de Samotrácia”, ele só não usou com essa frase:

- a) eufemismo, já que automóvel apenas suaviza a natural ideia de superioridade sobre uma estátua.
- b) metonímia, em que o automóvel substitui toda modernidade veloz e a Vitória de Samotrácia substitui a arte grega.
- c) comparação ou símile, pois para o autor o automóvel é mais belo artisticamente que a estátua grega.
- d) metáfora, em que o automóvel simboliza o moderno e a estátua simboliza o antigo.
- e) antítese, pois contrapõe o conjunto da modernidade ao conjunto do passadismo.

18. (Unesp)

Algumas pessoas tornam-se heróis contra sua própria vontade. Mesmo que elas tenham ideias realmente (ou potencialmente) revolucionárias, muitas vezes não as reconhecem como tais, ou não acreditam no seu próprio potencial. Divididas entre enfrentar sua insegurança expondo suas ideias à opinião dos outros, ou manter-se na defensiva, elas preferem a segunda opção. O mundo está cheio de poemas e teorias escondidos no porão.

Copérnico é, talvez, o mais famoso desses relutantes heróis da história da ciência. Ele foi o homem que colocou o Sol de volta no centro do Universo, ao mesmo tempo fazendo de tudo para que suas ideias não fossem difundidas, possivelmente com medo de críticas ou perseguição religiosa. Foi quem colocou o Sol de volta no centro do Universo, motivado por razões erradas. Insatisfeito com a falha do modelo de Ptolomeu, que aplicava o dogma platônico do movimento circular uniforme aos corpos celestes, Copérnico propôs que o equante fosse abandonado e que o Sol passasse a ocupar o centro do cosmo. Ao tentar fazer com que o Universo se adaptasse às ideias platônicas, ele retornou aos pitagóricos, ressuscitando a doutrina do fogo central, que levou ao modelo heliocêntrico de Aristarco dezoito séculos antes.

Seu pensamento reflete o desejo de reformular as ideias cosmológicas de seu tempo apenas para voltar ainda mais no passado; Copérnico era, sem dúvida, um revolucionário conservador. Ele jamais poderia ter imaginado que, ao olhar para o passado, estaria criando uma nova visão cósmica, que abriria novas portas para o futuro. Tivesse vivido o suficiente para ver os frutos de suas ideias, Copérnico decerto teria odiado a revolução que involuntariamente causou.

Entre 1510 e 1514, compôs um pequeno trabalho resumindo suas ideias, intitulado *Commentariolus* (Pequeno comentário). Embora na época fosse relativamente fácil publicar um manuscrito, Copérnico decidiu não publicar seu texto, enviando apenas algumas cópias para uma audiência seleta. Ele acreditava piamente no ideal pitagórico de discricção; apenas aqueles que eram iniciados nas complicações da matemática aplicada à astronomia tinham permissão para compartilhar sua sabedoria. Certamente essa posição elitista era muito peculiar, vinda de alguém que fora educado durante anos dentro da tradição humanista italiana. Será que Copérnico estava tentando sentir o clima intelectual da época, para ter uma ideia do quão “perigosas” eram suas ideias? Será que ele não acreditava muito nas suas próprias ideias e, portanto, queria evitar qualquer tipo de crítica? Ou será que ele estava tão imerso nos ideais pitagóricos que realmente não tinha o menor interesse em tornar populares suas ideias? As razões que possam justificar a atitude de Copérnico são, até hoje, um ponto de discussão entre os especialistas.

(A dança do universo, 2006. Adaptado.)

Em “Copérnico era, sem dúvida, um revolucionário conservador” (3º parágrafo), a expressão sublinhada constitui um exemplo de

- a) eufemismo.
- b) pleonasma.
- c) hipérbole.
- d) metonímia.
- e) paradoxo.

19. (Fmc)

PROTEÇÃO INDIVIDUAL VERSUS PROTEÇÃO COLETIVA

Sergio de Castro Lessa

Fermin Roland Schramm

Historicamente, os programas de vacinação com cobertura universal ganharam credibilidade e lograram êxitos com a eliminação da varíola, a quase erradicação da poliomielite, e a diminuição da incidência de doenças tais como a caxumba, sarampo e catapora. Apesar deste sucesso ser geralmente interpretado como reflexo do princípio da imunidade coletiva - o qual assume que os benefícios das vacinas são maiores quanto mais indivíduos de uma comunidade são imunizados - o controle das doenças nos assim chamados países desenvolvidos ocorreu devido à melhoria da condição sanitária, associando higiene e vacinação e, nos países mais pobres, devido essencialmente à vacinação em massa.

Com isso, um dos principais desafios destes países na área da saúde pública tem sido manter altas taxas de cobertura vacinal para o controle e a prevenção de epidemias ou para evitar o ressurgimento daquelas já controladas, ampliando, cada vez mais, a responsabilidade do indivíduo pela manutenção de sua saúde para a proteção coletiva e, conseqüentemente, a melhoria da saúde da população. Neste sentido, como alertou Schramm, “a saúde não é mais, em última instância, um direito do cidadão e um dever do Estado, mas, ao contrário, tornou-se um dever do cidadão e um direito do Estado”.

Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/csc/v20n1/1413-8123-csc-20-01-00115.pdf>/ Acesso em: 28 maio 2021. Fragmento.

A estrutura do texto é, predominantemente:

- a) Narrativa
- b) Descritiva
- c) Argumentativa
- d) Enumerativa
- e) Expositiva

20. (Ebmsp)



Além de permitir a interação com os amigos, colegas e familiares, redes sociais, como o Facebook, também permitem a ampliação de sua rede de contatos e do seu conhecimento profissional. A própria Ibema possui páginas de interação no Facebook, aproximando o público-alvo dos colaboradores da empresa.

Porém, é muito importante utilizar o Facebook de forma adequada:

#sempre feche a sua página do Facebook após o acesso.

#sejaconsciente no momento de tecer comentários e evite polêmicas que podem comprometer o seu perfil profissional e pessoal.

#use a ferramenta no ambiente de trabalho com sabedoria e otimização do tempo para que não prejudique o seu rendimento.

#sejaconsciente #internetmelhorparatodos #ibemaporvocê



#USOENAOABUSO. Disponível em: <<http://www.ibema.com.br/noticias/PublishingImages/usoenaobuso-1.jpg>>. Acesso em: ago. 2017.

A campanha proposta tem como principal objetivo

- a) criticar o uso abusivo de certas estruturas on-line durante o expediente.
- b) conscientizar os trabalhadores sobre a mais relevante função social do Facebook.
- c) proibir a utilização de determinados aplicativos da web em espaços profissionais.
- d) orientar os usuários quanto ao acesso responsável e sensato às redes sociais no trabalho.
- e) convencer os interlocutores a divulgar sempre, no ciberespaço, as boas práticas que veicula.

21. (S1 - ifce)



Fonte: <https://www.hojeemdia.com.br/opini%C3%A3o/blogs/blog-do-lute-1.366314/charge-do-dia-12-03-2019-1.700110> acesso em: 25 de out de 2019

A expressão fake news que aparece na charge representa um exemplo de fenômeno linguístico conhecido como

- a) onomatopeia.
- b) neologismo.
- c) estrangeirismo.
- d) hibridismo.
- e) composição.

22. (Fmp)

CIÊNCIA E A TECNOLOGIA COMO ESTRATÉGIA DE DESENVOLVIMENTO

Um dos principais motores do avanço da ciência é a curiosidade humana, descompromissada de resultados concretos e livre de qualquer tipo de tutela ou orientação. A produção científica movida apenas por essa curiosidade tem sido capaz de abrir novas fronteiras do conhecimento, de nos tornar mais sábios e de, no longo prazo, gerar valor e mais qualidade de vida para o ser humano.

Por meio dos seus métodos e instrumentos, a ciência nos permite analisar o mundo ao redor e ver além do que os olhos podem enxergar. O empreendimento científico e tecnológico do ser humano ao longo de sua história é o principal responsável por tudo que a humanidade construiu até aqui, desde o domínio do fogo até a moderna ciência da informação, passando pela domesticação dos animais, pelo surgimento da agricultura e da indústria modernas e, é claro, pela espetacular melhora da qualidade de vida de toda a humanidade no último século.

Apesar dos seus feitos extraordinários, a ciência enfrenta uma crise de legitimação social no mundo todo. Existe uma descrença do cidadão comum no conhecimento técnico e científico e, mais do que isso, um certo orgulho da própria ignorância sobre vários temas complexos. Vários fenômenos sociais recentes, como o movimento antivacinação ou mesmo a desconfiança sobre o aquecimento global, apesar de todas as evidências científicas em contrário, são exemplos dessa descrença.

A relação entre ciência, tecnologia e sociedade é de extrema complexidade, sem dúvida alguma. Ela passa por uma série de questões, tais como de que forma a ciência e as novas tecnologias afetam a qualidade de vida das pessoas e como fazer com que seus efeitos sejam os melhores possíveis? Como ampliar o acesso da população aos benefícios gerados pelo conhecimento científico e tecnológico? Em que medida o progresso científico e tecnológico contribui para mitigar ou aprofundar as desigualdades socioeconômicas? Essas são questões cruciais para a ciência e a tecnologia nos dias de hoje.

Disponível em: <www.ipea.gov.br/cts/pt/central-de-conteudo/artigos/artigos/116-a-ciencia-e-a-tecnologiacomo-estrategia-de-desenvolvimento>. Acesso em: 24 ago. 2020. Adaptado.

No desenvolvimento temático do texto, depois de se referir ao movimento antivacinação e à desconfiança sobre o aquecimento global, o texto desenvolve a ideia de que

- a) o avanço da ciência depende da liberdade em relação a qualquer tipo de tutela ou orientação.
- b) a ciência é responsável pela melhora da qualidade de vida de toda a humanidade no último século.
- c) a relação entre ciência, tecnologia e sociedade passa por questionamentos, entre eles, o modo como afeta a qualidade de vida das pessoas.
- d) a produção científica tem sido capaz de abrir novas fronteiras do conhecimento.
- e) o mundo atual enfrenta uma descrença do cidadão comum no conhecimento técnico e científico.

23. (Ueg)

Leia o poema e observe a imagem a seguir:

Pensem nas crianças

Mudas telepáticas
 Pensem nas meninas
 Cegas inexatas
 Pensem nas mulheres
 Rotas alteradas
 Pensem nas feridas
 Como rosas cálidas
 Mas oh não se esqueçam
 Da rosa da rosa
 Da rosa de Hiroxima
 A rosa hereditária
 A rosa radioativa
 Estúpida e inválida
 A rosa com cirrose
 A antirrosa atômica
 Sem cor sem perfume
 Sem rosa sem nada.

MORAES, Vinícius de. *Rosa de Hiroxima*. In: *Antologia poética*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p.196.

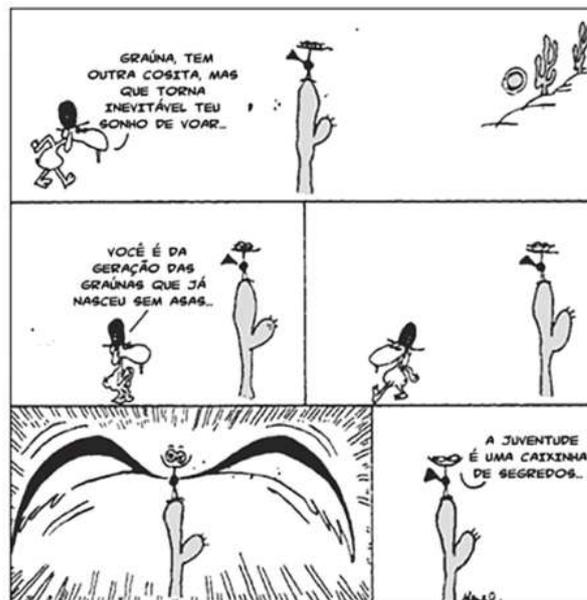


DALÍ, Salvador. *A face da guerra*. Óleo sobre tela, 1940. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/obras-de-salvador-dali/>. Acesso em: 09 out. 2019.

Tanto o poema-canção quanto a imagem apresentados tecem, a seu modo, uma

- denúncia de cunho social.
- reflexão de ordem metafísica.
- elogio a um modo de vida perigoso.
- exaltação ao caráter bélico da alma humana.
- glorificação da alienação como forma de vida.

24. (Uefs)

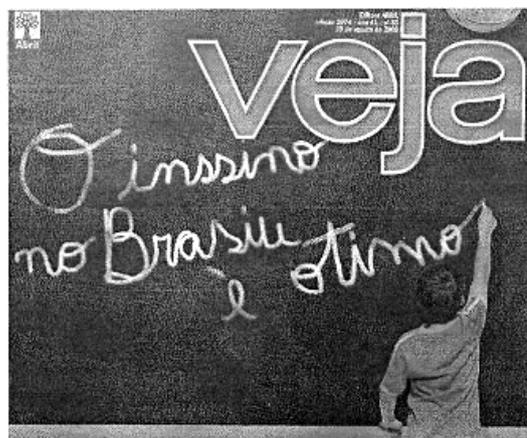


HENFIL. *Fradim*. Disponível em: <https://sinceramente.files.wordpress.com/2007/11/grauna.gif>. Acesso em: 8 jan. 2016.

A partir da análise dos elementos verbais e não verbais da tira de Henfil, é correto inferir que

- a vida guarda surpresas que nem sempre são positivas.
- os jovens não acreditam em sua capacidade de transformar o mundo.
- os sonhos só se tornam realidade quando são creditados por toda a sociedade.
- a juventude tem um potencial para se desenvolver que nem sempre aparenta ter.
- os mais velhos têm consciência da força criadora e da capacidade crítica dos mais novos.

25. (Uepb) Da imagem, que foi capa da Revista Veja em 20 de agosto de 2008, pode-se compreender:



- a) O registro do modelo de ensino representado pelo uso ultrapassado da tecnologia do giz.
- b) Uma constatação de que os alunos não precisam escrever à mão.
- c) Um apelo de aluno para que melhore o ensino.
- d) Uma crítica irônica em relação à situação do ensino na escola brasileira.
- e) Uma afirmação de que a relação entre ler e escrever não é explorada na escola.

26. (Uff-pism)

O “TRIBUNAL DA INTERNET” E OS EFEITOS DA CULTURA DO CANCELAMENTO

Thays Bertoncini da Silva e Erica Marie Viterito Honda

A cultura do cancelamento tem chamado a atenção, principalmente nas redes sociais, por tratar-se de uma onda que incentiva pessoas a deixarem de apoiar determinadas personalidades ou empresas, públicas ou não, do meio artístico ou não, em razão de erro ou conduta reprovável.

quinta-feira, 30 de julho de 2020

De acordo com o dicionário australiano Macquarie, a “cultura do cancelamento” foi eleita o termo do ano de 2019, e não é para menos. Mesmo não tendo um marco exato de origem, a cultura do cancelamento aparentemente teve início a partir da mobilização de vítimas de assédio e abuso sexual (Movimento #MeToo), que ganhou maior visibilidade em 2017 por força das denúncias realizadas em Hollywood.

Desde então, mesmo o Movimento #MeToo traduzindo a coragem de se expor problemas há anos escondidos, a cultura do cancelamento vem seguindo um caminho que aparentemente diferencia-se da iniciativa de conscientização e debate de assuntos relevantes no âmbito digital e no âmbito real, como assédio, racismo, homofobia etc.

A cultura do cancelamento tem chamado a atenção, principalmente nas redes sociais, por tratar-se de uma onda que incentiva pessoas a deixarem de apoiar determinadas personalidades ou empresas, públicas ou não, do meio artístico ou não, em razão de erro ou conduta reprovável. Nos termos da definição da palavra “cancelar”, a ideia do movimento é

literalmente “eliminar” e “tornar sem efeito” o agente do erro ou conduta tidos como reprováveis.

Ao analisarmos o movimento sob o prisma das modalidades de regulação da Internet proposta por Lawrence Lessig, composta por direito, normas sociais, mercado e arquitetura¹, podemos considerar a cultura do cancelamento como uma sanção imposta pelos próprios usuários no âmbito da Internet, diante da violação de normas sociais existentes.

Assim como as demais modalidades de regulação, as normas sociais são eficientes, uma vez que inibem o comportamento reprovável por parte da comunidade que assim o entende.

Exemplo que demonstra a eficiência das normas sociais é a campanha de boicote à publicidade (#StopHateforProfit), iniciada no último dia 17. A ideia foi aderida por diversas empresas que manifestaram interesse em suspender seus anúncios em uma das maiores redes sociais da Internet, de modo a protestar contra “discurso de ódio” e pressionar a empresa para adotar medidas satisfatórias e criar mecanismos eficientes de combate. Em contrapartida, outra gigante da tecnologia informou maiores medidas internas e externas para combater o racismo e aumentar a representatividade na empresa, reforçando as políticas já existentes contra o discurso do ódio.

Ocorre que, especificamente com relação à cultura do cancelamento, e ao contrário do Direito em que há um devido processo legal para justificar uma punição ou não, o “Tribunal da Internet” não costuma oportunizar sequer o exercício do contraditório. Na maioria das vezes, aliás, a cultura do cancelamento costuma ter efeitos imediatos, de modo que a onda de boicote tem início tão logo o erro ou conduta tidos como reprováveis são notados e expostos. Tal imediatismo, porém, traz à tona certa intolerância e muita polarização, demonstrando assim que a sanção antecede a defesa. Dessa forma, o ambiente virtual torna-se hostil, seletivo e, por vezes, injusto.

Nota-se que, a partir da constatação de erro ou conduta reprovável por um grupo de pessoas, cria-se um movimento na rede social de exposição para que não somente os usuários deixem de “seguir” a pessoa ou de comprar determinada marca, por exemplo, mas também para que parem de dar visibilidade ao trabalho de alguém ou determinada empresa. Por meio da onda de ataque aos perfis em redes sociais, os efeitos são sentidos em todos os aspectos: na vida pessoal de pessoas físicas que perdem trabalhos,

contratos, patrocínios e até desenvolvem problemas psicoemocionais, bem como na atividade de empresas que deixam de realizar vendas, atender clientes etc.

Um dos exemplos recentes da cultura do cancelamento nas redes sociais ocorreu com uma digital influencer do mundo fitness que, durante a pandemia e o isolamento social, meses após ser diagnosticada e “se curar” do coronavírus, reuniu alguns amigos em sua casa, fazendo publicações da “festinha”. A anfitriã foi imediatamente cancelada nas redes sociais, com a consequente perda de diversas parcerias e rescisão de contratos. E apesar do pedido de desculpas e reconhecimento do erro, o cancelamento se manteve, beirando o linchamento virtual e fazendo com que ela desativasse seu perfil em uma de suas redes sociais.

Nesse contexto, observa-se que o “Tribunal da Internet” não realiza seus julgamentos com igualdade ou proporcionalidade. Primeiro, porque deixa-se de discutir ideias e passa-se a discutir pessoas ou empresas. Segundo, porque poucos preferem ouvir, entender e formar uma opinião antes de atacar. Terceiro, porque outras pessoas ou empresas envolvidas em situações análogas, por exemplo, não sofrem sanções na mesma intensidade que as “canceladas”. Quarto, porque, no mundo virtual, é muito tênue a linha entre a crítica construtiva e o ataque revestido de ofensas.

Apesar dos julgamentos, porém, a cultura do cancelamento também pode gerar um efeito contrário ao pretendido, já que a proporção da exposição faz com que a pessoa ganhe mais visibilidade nas redes sociais e, a depender de seus próximos passos, acabe transformando a visibilidade do ocorrido a seu favor, fazendo mais sucesso e ganhando mais engajamento. Numa breve analogia, comparar o Direito com o “Tribunal da Internet” seria como se, após a sentença do “cancelamento”, o recurso do “cancelado” fosse provido para afastar a condenação.

O que se extrai de interessante dessa dicotomia na cultura do cancelamento é que não apenas comportamentos reprováveis são objeto da onda de boicote, mas também opiniões contrárias sobre determinados temas. E, em que pese a liberdade de expressão seja um direito fundamental, isso acontece porque muitos usuários, ao se depararem com divergências, ao invés de promoverem um debate saudável, dão lugar à cultura do cancelamento, boicotando pessoas físicas ou jurídicas.

Acontece que, além do mero “cancelamento”, os ataques virtuais tornam-se massificados e, por muitas vezes, extrapolam os limites da livre manifestação de pensamento de modo a ensejar, de fato, um linchamento virtual que, mesmo revestido de boa intenção, pode provocar uma propagação de discurso de ódio e, ainda, incorrer em crimes como injúria ou difamação. Em situações como esta, o “cancelado”, que não encontra formas de se justificar sobre o ocorrido em tempo de reparar sua imagem, acaba por adotar medidas judiciais em face daqueles que propagaram ofensas, divulgaram informações eventualmente falsas e coisas do tipo. (...)

A pergunta que fica diante de tantos julgamentos e sanções imediatamente impostas sem a possibilidade de defesa ou reflexão é: como seria se todos fôssemos “cancelados” por um erro ou conduta reprovável, já que estamos em constante evolução? (...)

Nas palavras do atual Ministro Alexandre de Moraes: “a liberdade de expressão constitui um dos fundamentos essenciais de uma sociedade democrática e compreende não somente as informações consideradas como inofensivas, indiferentes ou favoráveis, mas também aquelas que possam causar transtornos, resistência, inquietar pessoas, pois a democracia somente existe a partir da consagração do pluralismo de ideia e pensamento, da tolerância de opiniões e do espírito aberto ao diálogo”². (...)

Com isso, o propósito de exposição de temas para que haja liberdade de comunicação social, garantindo-se a livre circulação de ideias e informações de forma pluralista, na realidade, tornou-se uma ferramenta de autocensura ao invés de promover o debate, como a contranarrativa. A cultura do cancelamento, na forma como praticada atualmente, afeta, ainda que de maneira indireta, o exercício dos direitos da livre manifestação de pensamento e da liberdade de expressão, obstando o debate de questões que, de forma saudável, traria benefícios para a sociedade e ainda promoveria o progresso intelectual e a evolução pessoal de cada um.

¹Leonardi, Marcel. *Fundamentos de Direito Digital*, São Paulo, 2019, Thomson Reuters, pág. 47 e ss.- 2.5. As modalidades de regulação proposta por Lawrence Lessing.

²MORAES, Alexandre de. *Direitos Humanos Fundamentais*; 9ª edição, São Paulo. Atlas S.A. 2011.

* *Thays Bertoncini da Silva é advogada, sócia da Lee, Brock, Camargo Advogados (LBCA) e especialista em Direito Digital Aplicado e Direito das Plataformas Digitais pela FGV.*

* *Erica Marie Viterito Honda é advogada, sócia da Lee, Brock, Camargo Advogados (LBCA) e especialista em Direito Digital Aplicado pela FGV.*

Texto adaptado, disponível em: <https://migalhas.uol.com.br/depeso/331363/o-tribunal-da-internet-e-os-efeitos-da-cultura-do-cancelamento>. Acesso em 27/11/2020.

Releia o seguinte trecho do texto:

“Mesmo não tendo um marco exato de origem, a cultura do cancelamento aparentemente teve início a partir da mobilização de vítimas de assédio e abuso sexual (Movimento #MeToo), que ganhou maior visibilidade em 2017 por força das denúncias realizadas em Hollywood.”

Considerando o termo “aparentemente”, no contexto do trecho destacado acima, é correto afirmar que esse advérbio expressa o posicionamento das autoras do texto, indicando

- a) a desvalorização do início da mobilização à cultura do cancelamento.
- b) a discordância quanto à origem do fenômeno da cultura do cancelamento.
- c) a dúvida quanto ao movimento que deu origem à cultura do cancelamento.
- d) a restrição à origem da cultura do cancelamento, iniciada em 2017.
- e) a sinceridade quanto à origem do fenômeno da cultura do cancelamento.

27. (Ueg)

PICA-FLOR

Se Pica-Flor me chamais
Pica-Flor aceito ser,
Mas resta agora saber,
Se no nome que me dais,
Meti a flor que guardais
No passarinho melhor!
Se me dais este favor,
Sendo só pra mim o Pica,
E o mais vosso, claro fica,
Que fico então Pica-Flor

MATOS, Gregório de. *Poemas escolhidos de Gregório de Matos*. São Paulo: UNESP, 2003. p. 275.



MAGRITTE, René. *Garota comendo pássaro* (1927). Óleo sobre tela. Disponível em: <https://artrianon.com/2017/03/11/obras-inquietas-24-garota-comendo-passaro-o-prazer-1927-rene-magritte/>. Acesso: 11 nov. 2020.

O poema, que apresenta um sujeito lírico irônico, dialoga com a pintura

- a) no nível superficial da linguagem surrealista.
- b) na composição de caráter gestual e simbólico.
- c) na relação abstrata entre o pássaro e a garota.
- d) no plano figurativo por meio da devoração da ave.
- e) na afinidade entre a garota e o respeito pela ave.

28. (Unesp)

Sei que estou contando errado, pelos altos. Desemendo. Mas não é por disfarçar, não pense. De grave, na lei do comum, disse ao senhor quase tudo. Não crio receio. O senhor é homem de pensar o dos outros como sendo o seu, não é criatura de pôr denúncia. E meus feitos já revogaram, prescrição dita. Tenho meu respeito firmado. Agora, sou anta empoçada, ninguém me caça. Da vida pouco me resta - só o deo-gratias; e o troco. Bobeia. Na feira de São João Branco, um homem andava falando: - “A pátria não pode nada com a velhice...” Discordo. A pátria é dos velhos, mais. Era um homem maluco, os dedos cheios de anéis velhos sem valor, as pedras retiradas - ele dizia: aqueles todos anéis davam até choque elétrico... Não. Eu estou contando assim, porque é o meu jeito de contar. Guerras e batalhas? Isso é como jogo de baralho, verte, reverte. Os revoltosos depois passaram por aqui, soldados de Prestes, vinham de Goiás, reclamavam posse de todos os animais de sela. Sei que deram fogo, na barra do Urucuia, em São Romão, aonde aportou um vapor do Governo, cheio de tropas da Bahia. Muitos anos adiante, um roceiro vai lavrar um pau, encontra balas cravadas. O

que vale, são outras coisas. A lembrança da vida da gente se guarda em trechos diversos, cada um com seu signo e sentimento, uns com os outros acho que nem não misturam. Contar seguido, alinhavado, só mesmo sendo as coisas de rasa importância. De cada vivimento que eu real tive, de alegria forte ou pesar, cada vez daquela hoje vejo que eu era como se fosse diferente pessoa. Sucedido desgovernado. Assim eu acho, assim é que eu conto. [...] Tem horas antigas que ficaram muito mais perto da gente do que outras, de recente data. O senhor mesmo sabe.

(*Grande sertão: veredas*, 2015.)

No trecho “O senhor é homem de pensar o dos outros como sendo o seu, não é criatura de pôr denúncia”, o narrador caracteriza seu interlocutor como

- a) desrespeitoso.
- b) distraído.
- c) presunçoso.
- d) indulgente.
- e) perseverante.

29. (Efomm)

UM CASO DE BURRO

Machado de Assis

Quinta-feira à tarde, pouco mais de três horas, vi uma coisa tão interessante, que determinei logo de começar por ela esta crônica. Agora, porém, no momento de pegar na pena, receio achar no leitor menor gosto que eu para um espetáculo, que lhe parecerá vulgar, e porventura torpe. Releve a importância; os gostos não são iguais.

Entre a grade do jardim da Praça Quinze de Novembro e o lugar onde era o antigo passadiço, ao pé dos trilhos de bondes, estava um burro deitado. O lugar não era próprio para remanso de burros, donde concluí que não estaria deitado, mas caído. Instantes depois, vimos (eu ia com um amigo), vimos o burro levantar a cabeça e meio corpo. Os ossos furavam-lhe a pele, os olhos meio mortos fechavam-se de quando em quando. O infeliz cabeceava, mais tão frouxamente, que parecia estar próximo do fim.

Diante do animal havia algum capim espalhado e uma lata com água. Logo, não foi abandonado inteiramente; alguma piedade houve no

dono ou quem quer que seja que o deixou na praça, com essa última refeição à vista. Não foi pequena ação. Se o autor dela é homem que leia crônicas, e acaso ler esta, receba daqui um aperto de mão. O burro não comeu do capim, nem bebeu da água; estava já para outros capins e outras águas, em campos mais largos e eternos. Meia dúzia de curiosos tinha parado ao pé do animal. Um deles, menino de dez anos, empunhava uma vara, e se não sentia o desejo de dar com ela na anca do burro para espertá-lo, então eu não sei conhecer meninos, porque ele não estava do lado do pescoço, mas justamente do lado da anca. Diga-se a verdade; não o fez - ao menos enquanto ali estive, que foram poucos minutos. Esses poucos minutos, porém, valeram por uma hora ou duas. Se há justiça na Terra valerão por um século, tal foi a descoberta que me pareceu fazer, e aqui deixo recomendada aos estudiosos.

O que me pareceu, é que o burro fazia exame de consciência. Indiferente aos curiosos, como ao capim e à água, tinha no olhar a expressão dos meditativos. Era um trabalho interior e profundo. Este remoque popular: por pensar morreu um burro mostra que o fenômeno foi mal entendido dos que a princípio o viram; o pensamento não é a causa da morte, a morte é que o torna necessário. Quanto à matéria do pensamento, não há dúvidas que é o exame da consciência. Agora, qual foi o exame da consciência daquele burro, é o que presumo ter lido no escasso tempo que ali gastei. Sou outro Champollion, porventura maior; não decifrei palavras escritas, mas ideias íntimas de criatura que não podia exprimi-las verbalmente.

E diria o burro consigo:

“Por mais que vasculhe a consciência, não acho pecado que mereça remorso. Não furtei, não menti, não matei, não caluniei, não ofendi nenhuma pessoa. Em toda a minha vida, se dei três coices, foi o mais, isso mesmo antes haver aprendido maneiras de cidade e de saber o destino do verdadeiro burro, que é apanhar e calar. Quando ao zurro, usei dele como linguagem. Ultimamente é que percebi que me não entendiam, e continuei a zurrar por ser costume velho, não com ideia de agravar ninguém. Nunca dei com homem no chão. Quando passei do tílburri ao bonde, houve algumas vezes homem morto ou pisado na rua, mas a prova de que a culpa não era minha, é que nunca segui o cocheiro na fuga; deixava-me estar aguardando autoridade.”

“Passando à ordem mais elevada de ações, não acho em mim a menor lembrança de haver pensado sequer na perturbação da paz pública. Além de ser a minha índole contrária a arruaças, a própria reflexão me diz que, não havendo nenhuma revolução declarado os direitos do burro, tais direitos não existem. Nenhum golpe de estado foi dado em favor dele; nenhuma coroa os obrigou. Monarquia, democracia, oligarquia, nenhuma forma de governo, teve em conta os interesses da minha espécie. Qualquer que seja o regime, ronca o pau. O pau é a minha instituição um pouco temperada pela teima que é, em resumo, o meu único defeito. Quando não teimava, mordida o freio dando assim um bonito exemplo de submissão e conformidade. Nunca perguntei por sóis nem chuvas; bastava sentir o freguês no tílburí ou o apito do bonde, para sair logo. Até aqui os males que não fiz; vejamos os bens que pratiquei.”

“A mais de uma aventura amorosa terei servido, levando depressa o tílburí e o namorado à casa da namorada - ou simplesmente empacando em lugar onde o moço que ia ao bonde podia mirar a moça que estava na janela. Não poucos devedores terei conduzido para longe de um credor importuno. Ensinei filosofia a muita gente, esta filosofia que consiste na gravidade do porte e na quietação dos sentidos. Quando algum homem, desses que chamam patuscos, queria fazer rir os amigos, fui sempre em auxílio deles, deixando que me dessem tapas e punhadas na cara. Em fim...”

Não percebi o resto, e fui andando, não menos alvoroçado que pesaroso. Contente da descoberta, não podia furtar-me à tristeza de ver que um burro tão bom pensador ia morrer. A consideração, porém, de que todos os burros devem ter os mesmos dotes principais, fez-me ver que os que ficavam não seriam menos exemplares do que esse. Por que se não investigará mais profundamente o moral do burro? Da abelha já se escreveu que é superior ao homem, e da formiga também, coletivamente falando, isto é, que as suas instituições políticas são superiores às nossas, mais racionais. Por que não sucederá o mesmo ao burro, que é maior?

Sexta-feira, passando pela Praça Quinze de Novembro, achei o animal já morto.

Dois meninos, parados, contemplavam o cadáver, espetáculo repugnante; mas a infância, como a ciência, é curiosa sem asco. De tarde já não havia

cadáver nem nada. Assim passam os trabalhos deste mundo. Sem exagerar o mérito do finado, força é dizer que, se ele não inventou a pólvora, também não inventou a dinamite. Já é alguma coisa neste final de século. Requiescat in pace.

No texto lido, a existência de um burro morrendo na praça levou o cronista a escrever sobre o fato avistado porque

- ele achou interessante que, estando próximo da morte, o animal parecia fazer um exame de consciência cujo conteúdo ele presume ter descoberto.
- lhe chamou a atenção o fato de o dono do burro ter deixado água e comida para o animal no momento do abandono.
- o animal teve uma morte lenta e, depois de morto, permaneceu na rua por um certo tempo, chamando a atenção de algumas crianças.
- avistar aquela cena o deixou triste e pesaroso, levando-o à profunda reflexão.
- aquela cena só chamou a atenção de poucas pessoas, e nenhuma delas tentou ajudar o bicho.

30. (Enem)

Texto I

Gente fina

Bruno Drummond



DRUMMOND, B. Revista O Globo, N.º 248, 26 abr. 2009.

Texto II

São 68 milhões num universo de 190 milhões de brasileiros conectados nas redes virtuais. O e-mail, irmão moderno da carta, ainda é uma ferramenta imprescindível de comunicação, mas já começa a dar espaço para ferramentas mais ágeis de interação, como MSN, Orkut, Facebook, Twitter e blogs.

FERREIRA JÚNIOR, H. (adaptado).

Da leitura dos dois textos, depreende-se que a internet tem se expandido muito nos últimos anos. Apesar disso, a atitude do rapaz no Texto I revela a

- a) constatação da importância do acesso à internet para a comunicação com outras pessoas.
- b) opinião de quem necessita das ferramentas da internet para realizar novas conquistas.
- c) demonstração de uma postura resistente à interferência das tecnologias na comunicação.
- d) adequação dos jovens às redes sociais como Twitter, Facebook, Msn, Orkut, blog etc.
- e) aceitação das redes sociais pela internet como veículo de relacionamentos pessoais.

31. (Unesp)

Marco Aurélio de Jesus, dono de um grande talento e senhor de um sólido saber, resolveu certa vez escrever uma obra sobre filologia.

Seria, certo, a obra-prima ansiosamente esperada e que daria ao espírito inculto dos brasileiros as noções exatas da língua portuguesa. Trabalhou durante três anos, com esforço e sabiamente. Tinha preparado o seu livro que viria trazer à confusão, à dificuldade de hoje, o saber de amanhã. Era uma obra-prima pelas generalizações e pelos exemplos.

A quem dedicá-la? Como dedicá-la? E o prefácio?

E Marco Aurélio resolve meditar. Ao fim de igual tempo havia resolvido o difícil problema.

A obra seria, segundo o velho hábito, precedida de “duas palavras ao leitor” e levaria, como demonstração de sua submissão intelectual, uma dedicatória.

Mas “duas palavras”, quando seriam centenas as que escreveria? Não. E Marco Aurélio contou as “duas palavras” uma a uma. Eram duzentas e uma e, em um lance único, genial, destacou em relevo, ao alto da página “duzentas e uma palavras ao leitor”.

E a dedicatória? A dedicatória, como todas as dedicatórias, seria a “pálida homenagem” de seu talento ao espírito amigo que lhe ensinara a pensar...

Mas “pálida homenagem”... Professor, autor de um livro de filologia, cair na vulgaridade da expressão comum: “pálida homenagem”? Não. E pensou. E de sua grave meditação, de seu profundo pensamento, saiu a frase límpida, a grande frase que definia a sua ideia da expressão e, num gesto, sulcou o alto da página de oferta com a frase sublime: “lívida

homenagem do autor”...

Está aí como um grande gramático faz uma obra-prima. Leiam-na e verão como a coisa é bela.

(*Sátiras e outras subversões*, 2016.) “A obra-prima”, de Lima Barreto, publicada na revista *Careta* em 25.09.1915.

O cronista narra uma série de fatos ocorridos no passado. Um fato anterior a esse tempo passado está indicado pela forma verbal sublinhada em

- a) “Eram duzentas e uma e, em um lance único, genial, destacou em relevo, ao alto da página ‘duzentas e uma palavras ao leitor’.” (6º parágrafo)
- b) “A obra seria, segundo o velho hábito, precedida de ‘duas palavras ao leitor’ e levaria, como demonstração de sua submissão intelectual, uma dedicatória.” (5º parágrafo)
- c) “A dedicatória, como todas as dedicatórias, seria a ‘pálida homenagem’ de seu talento ao espírito amigo que lhe ensinara a pensar...” (7º parágrafo)
- d) “E Marco Aurélio resolve meditar.” (4º parágrafo)
- e) “Leiam-na e verão como a coisa é bela.” (9º parágrafo)

32. (Ufsm)



Fonte: Mauricio de Sousa. Disponível em: <http://aib.com.br>. Acesso em: 04 jul 2013.

A frase que poderia substituir corretamente a inscrição na placa, mantendo-se o sentido e a adequação à norma-padrão, é:

- a) Postergada a caça!
- b) Proibido a caça de árvores!
- c) Não é permitida caça!
- d) Caça promulgada!
- e) É proibido caça!

33. (Famerp)

Trocar o dia pela noite, dizia Luís Soares, é restaurar o império da natureza corrigindo a obra da sociedade.

O calor do sol está dizendo aos homens que vão descansar e dormir, ao passo que a frescura relativa da noite é a verdadeira estação em que se deve viver. Livre em todas as minhas ações, não quero sujeitar-me à lei absurda que a sociedade me impõe: velarei de noite, dormirei de dia.

Contrariamente a vários ministérios, Soares cumpria este programa com um escrúpulo digno de uma grande consciência. A aurora para ele era o crepúsculo, o crepúsculo era a aurora. Dormia 12 horas consecutivas durante o dia, quer dizer das seis da manhã às seis da tarde. Almoçava às sete e jantava às duas da madrugada. Não ceava. A sua ceia limitava-se a uma xícara de chocolate que o criado lhe dava às cinco horas da manhã quando ele entrava para casa. Soares engolia o chocolate, fumava dois charutos, fazia alguns trocadilhos com o criado, lia uma página de algum romance, e deitava-se.

Não lia jornais. Achava que um jornal era a cousa mais inútil deste mundo, depois da Câmara dos Deputados, das obras dos poetas e das missas. Não quer isto dizer que Soares fosse ateu em religião, política e poesia. Não. Soares era apenas indiferente. Olhava para todas as grandes cousas com a mesma cara com que via uma mulher feia. Podia vir a ser um grande perverso; até então era apenas uma grande inutilidade.

(Contos fluminenses, 2006.)

Com a referência a “jornais”, “Câmara dos Deputados”, “obras dos poetas” e “missas” (3º parágrafo), o narrador

- relativiza o retrato do personagem como um alienado, na medida em que enumera elementos da sociedade com os quais ele se identifica.
- critica a homogeneidade da população, defendendo uma sociedade plural, em que cada pessoa escolha com liberdade a maneira como vive.
- informa que o personagem recusava-se a se envolver com certos elementos da vida em sociedade, tanto quanto se recusava a seguir os ciclos convencionais de sono e de vigília.
- reconhece como os hábitos da sociedade em questão são fúteis, ressaltando os benefícios para a sociedade das escolhas extravagantes de Luís Soares.
- revela sua parcialidade, concordando com a

maneira como o personagem se comporta em relação a seus horários e às atividades sociais usuais da sociedade da época.

34. (Fmcsesp)

Leia o poema em prosa “O enigma”, de Carlos Drummond de Andrade, para responder a questão.

As pedras caminhavam pela estrada. Eis que uma forma obscura lhes barra o caminho. Elas se interrogam, e à sua experiência mais particular. Conheciam outras formas deambulantes¹, e o perigo de cada objeto em circulação na terra. Aquele, todavia, em nada se assemelha às imagens trituradas pela experiência, prisioneiras do hábito ou domadas pelo instinto imemorial das pedras. As pedras detêm-se. No esforço de compreender, chegam a imobilizar-se de todo. E na contenção desse instante, fixam-se as pedras – para sempre – no chão, compondo montanhas colossais, ou simples e estupefatos e pobres seixos desgarrados.

Mas a coisa sombria – desmesurada, por sua vez – aí está, à maneira dos enigmas que zombam da tentativa de interpretação. É mal de enigmas não se decifrem a si próprios. Carecem de argúcia alheia que os liberte de sua confusão amaldiçoada. E repelem-na ao mesmo tempo, tal é a condição dos enigmas. Esse travou o avanço das pedras, rebanho desprevenido, e amanhã fixará por igual as árvores, enquanto não chega o dia dos ventos, e o dos pássaros, e o do ar pululante de insetos e vibrações, e o de toda vida, e o da mesma capacidade universal de se corresponder e se completar, que sobrevive à consciência. O enigma tende a paralisar o mundo

Talvez que a enorme Coisa sofra na intimidade de suas fibras, mas não se compadece nem de si nem daqueles que reduz à congelada expectativa.

Ai! de que serve a inteligência – lastimam-se as pedras. Nós éramos inteligentes; contudo, pensar a ameaça não é removê-la; é criá-la.

Ai! de que serve a sensibilidade – choram as pedras. Nós éramos sensíveis, e o dom da misericórdia se volta contra nós, quando contávamos aplicá-lo a espécies menos favorecidas

Anoitece, e o luar, modulado de dolentes canções que preexistem aos instrumentos de música, espalha no côncavo, já pleno de serras abruptas e de ignoradas jazidas, melancólica moleza.

Mas a Coisa interceptante não se resolve. Barra o caminho e medita, obscura.

(Poesia 1930-62, 2012.)

1deambular: andar à toa; vaguear, passear.

Segundo o eu lírico, o processo de fixação das pedras decorre

- da resignação.
- da reflexão.
- do medo.
- do rancor.
- do sofrimento.

35. (Ebmsp)



A campanha institucional em destaque, em sua frase de impacto “Não fique em silêncio”, traz a desconstrução de um discurso formal e tradicional, próprio do ambiente hospitalar, gerando um novo contexto temático, que se propõe a

- refletir sobre a importância do silêncio para a restituição da saúde dos indivíduos que estão em recuperação nos hospitais das redes públicas.
- revisitar a antiga ideologia de que os ambientes médicos precisam de silêncio absoluto, distanciando os pacientes de uma dinâmica mais social.
- convidar os interlocutores a discutir, de forma aberta, os atos de racismo que ainda acontecem em relação a muitos profissionais da área de saúde.
- revelar à população como as segregações sociais ou as discriminações raciais comprometem a saúde de muitas pessoas.

e) incentivar a população a denunciar qualquer situação que envolva discriminação racial nas unidades da rede de saúde.

36. (Ueg)

Legado do Iluminismo

¹O pensamento iluminista abraçou a ideia do progresso e buscou ativamente a ruptura com a história e a tradição esposada pela modernidade. Foi, sobretudo, um movimento secular que procurou desmistificar e dessacralizar o conhecimento e a organização social para libertar os seres humanos de seus grilhões. Ele levou a injunção de Alexander Pope, de que “o estudo próprio da humanidade é o homem”, muito a sério. Na medida em que ele também saudava a criatividade humana, a descoberta científica e a busca da excelência individual em nome do progresso humano, os pensadores iluministas acolheram o turbilhão da mudança e viram a transitoriedade, o fugidio e o fragmentário como condição necessária por meio da qual o projeto modernizador poderia ser realizado. Abundavam doutrinas de igualdade, liberdade, fé na inteligência humana (uma vez permitidos os benefícios da educação) e razão universal. “Uma boa lei deve ser boa para todos”, pronunciou Condorcet às vésperas da Revolução Francesa, “exatamente da mesma maneira como uma proposição verdadeira é verdadeira para todos”. Essa visão era incrivelmente otimista. Escritores como Condorcet, observa Habermas (1983, p. 9), estavam possuídos “da extravagante expectativa de que as artes e as ciências iriam promover não somente o controle das forças naturais, mas também a compreensão do mundo e do eu, o progresso moral, a justiça das instituições e até a felicidade dos seres humanos”.

²O século XX - com seus campos de concentração e esquadrões da morte, seu militarismo e duas guerras mundiais, sua ameaça de aniquilação nuclear e sua experiência de Hiroshima e Nagasaki - certamente deitou por terra esse otimismo. Pior ainda, há suspeita de que o projeto do Iluminismo estava fadado a voltar-se contra si mesmo e transformar a busca da emancipação humana num sistema de opressão universal em nome da libertação humana. Essa foi a atrevida tese apresentada por Horkheimer e Adorno em Dialética do esclarecimento (1972). Escrevendo sob as sombras da Alemanha de Hitler e da Rússia de Stálin, eles alegavam que a lógica que se oculta por trás da racionalidade iluminista é

uma lógica da dominação e da opressão. A ânsia por dominar a natureza envolvia o domínio dos seres humanos, o que no final só poderia levar a “uma tenebrosa condição de autodominação”, conforme salienta Bernstein (1985, p. 9). A revolta da natureza, que eles apresentavam como a única saída para o impasse, tinha, portanto, de ser concebida como uma revolta da natureza humana contra o poder opressor da razão puramente instrumental sobre a cultura e a personalidade.

São questões cruciais saber (i) se o projeto do Iluminismo estava ou não fadado desde o começo a nos mergulhar num mundo kafkiano; (ii) se tinha ou não de levar a Auschwitz e Hiroshima; e (iii) se lhe restava ou não poder para formar e inspirar o pensamento e a ação contemporâneos. Há quem, como Habermas, continue a apoiar o projeto, se bem que com forte dose de ceticismo quanto às suas metas, com muita angústia quanto à relação entre meios e fins e com certo pessimismo no tocante à possibilidade de realizar tal projeto nas condições econômicas e políticas contemporâneas. E há quem – e isso é o cerne do pensamento filosófico pós-modernista – insista que devemos, em nome da emancipação humana, abandonar por inteiro o projeto iluminista. A posição a tomar depende de como se explica o “lado sombrio” da nossa história recente e do grau até o qual o atribuímos aos defeitos da razão iluminista, e não à falta de sua correta aplicação.

HARVEY, David. *A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. 3. ed. São Paulo: Loyola, 1993. p. 23-24. (Adaptado).

No período “O pensamento iluminista abraçou a ideia do progresso e buscou ativamente a ruptura com a história e a tradição esposada pela modernidade” (ref. 1), as palavras “abraçou” e “esposada” são usadas em sentido

- a) literal
- b) irônico
- c) filosófico
- d) metafórico
- e) metalinguístico

37. (Unifesp)

Mas a casa-grande patriarcal não foi apenas fortaleza,

capela, escola, oficina, santa casa, harém, convento de moças, hospedaria. Desempenhou outra função importante na economia brasileira: foi também banco. Dentro das suas grossas paredes, debaixo dos tijolos ou mosaicos, no chão, enterrava-se dinheiro, guardavam-se joias, ouro, valores. Às vezes guardavam-se joias nas capelas, enfeitando os santos. Daí Nossas Senhoras sobrecarregadas à baiana de teteias, balangandãs, corações, cavalinhos, cachorrinhos e correntes de ouro. Os ladrões, naqueles tempos piedosos, raramente ousavam entrar nas capelas e roubar os santos. É verdade que um roubou o esplendor e outras joias de São Benedito; mas sob o pretexto, ponderável para a época, de que “negro não devia ter luxo”. Com efeito, chegou a proibir-se, nos tempos coloniais, o uso de “ornatos de algum luxo” pelos negros.

Por segurança e precaução contra os corsários, contra os excessos demagógicos, contra as tendências comunistas dos indígenas e dos africanos, os grandes proprietários, nos seus zelos exagerados de privatismo, enterraram dentro de casa as joias e o ouro do mesmo modo que os mortos queridos. Os dois fortes motivos das casas-grandes acabarem sempre mal-assombradas com cadeiras de balanço se balançando sozinhas sobre tijolos soltos que de manhã ninguém encontra; com barulho de pratos e copos batendo de noite nos aparadores; com almas de senhores de engenho aparecendo aos parentes ou mesmo estranhos pedindo padres-nossos, ave-marias, gemendo lamentações, indicando lugares com botijas de dinheiro. Às vezes dinheiro dos outros, de que os senhores ilicitamente se haviam apoderado. Dinheiro que compadres, viúvas e até escravos lhes tinham entregue para guardar. Sucedeu muita dessa gente ficar sem os seus valores e acabar na miséria devido à esperteza ou à morte súbita do depositário. Houve senhores sem escrúpulos que, aceitando valores para guardar, fingiram-se depois de estranhos e desentendidos: “Você está maluco? Deu-me lá alguma cousa para guardar?”

Muito dinheiro enterrado sumiu-se misteriosamente. Joaquim Nabuco, criado por sua madrinha na casa-grande de Maçangana, morreu sem saber que destino tomara a ourama para ele reunida pela boa senhora; e provavelmente enterrada em algum desvão de parede. [...] Em várias casas-grandes da Bahia, de Olinda, de Pernambuco se têm encontrado, em demolições ou escavações, botijas de dinheiro. Na que foi dos Pires d’Ávila ou Pires de Carvalho, na Bahia, achou-se, num

recanto de parede, “verdadeira fortuna em moedas de ouro”. Noutras casas-grandes só se têm desencavado do chão ossos de escravos, justicados pelos senhores e mandados enterrar no quintal, ou dentro de casa, à revelia das autoridades. Conta-se que o visconde de Suaçuna, na sua casa-grande de Pombal, mandou enterrar no jardim mais de um negro supliciado por ordem de sua justiça patriarcal. Não é de admirar. Eram senhores, os das casas-grandes, que mandavam matar os próprios filhos. Um desses patriarcas, Pedro Vieira, já avô, por descobrir que o filho mantinha relações com a mucama de sua predileção, mandou matá-lo pelo irmão mais velho.

(In: Silvano Santiago (coord.). *Intérpretes do Brasil*, 2000.)

De acordo com o texto, os ladrões da época evitavam praticar furtos

- devido à violência dos senhores de engenho.
- por respeito aos mortos.
- devido às crenças religiosas.
- em razão do rigor da justiça.
- por medo de assombrações.

38. (Espm) Observe a imagem e o texto:

“A Cuca” (1924)



Figura canônica da arte moderna brasileira, do início do século XX, a pintora paulista ganha a primeira mostra nos Estados Unidos exclusivamente devotada à sua obra no Museum of Modern Art (MoMA-NY). A exposição é portentosa, com 120 trabalhos (incluindo telas, desenhos, livros de esquetes, fotografias e outros documentos históricos). Paulista de Capivari, a artista estudou desenho, piano, escultura e se mudou para Paris nos anos 1920, para estudar na Académie

Julian. Ali, foi aluna de mestres como Fernand Léger, ingressou naquilo que chamou de seu ‘serviço militar’ no Cubismo.

Fonte: Revista Carta Capital, 14/02/2018.

O quadro em questão e o texto devem ser relacionados com:

- Zina Aita;
- Lygia Clark;
- Anita Malfatti;
- Tarsila do Amaral;
- Maria Pardos.

39. (Ueg) Observe a tirinha a seguir.



Disponível em: <https://brasirmandino.tumblr.com/>. Acesso em: 30 ago. 2019.

O sentido global da tirinha é constituído a partir de uma relação

- sociolinguística, baseada numa variante linguística incompatível com a fala de crianças.
- antonímica, que se estabelece contextualmente entre as palavras “muros” e “pontes”.
- sintática, expressa pelo uso da construção adversativa no primeiro quadrinho.
- dialogica, devido à negação enfática da personagem no segundo quadrinho.
- morfológica, que se manifesta pela formação do diminutivo de “tijolinho”.

40. (Fmj)

Muita gente acha que a ciência é uma atividade sem emoções, destituída de drama, fria e racional. Na verdade, é justamente o oposto. A premissa da ciência é a nossa ignorância, nossa vulnerabilidade em relação ao desconhecido, ao que não sabemos. Muitas vezes, quando experimentos revelam novos aspectos da Natureza que sequer haviam sido conjecturados, a sensação de tatearmos no escuro pode levar ao desespero. E agora? Se nossas teorias não podem explicar o que estamos observando, como ir adiante? Nenhum exemplo na história da ciência ilustra melhor esse drama do que o nascimento da

física quântica, que descreve o comportamento dos átomos e das partículas subatômicas, e que está por trás de toda a revolução digital que rege a sociedade moderna.

Ao final do século XIX, a física estava com muito prestígio. A mecânica de Newton, a teoria eletromagnética de Faraday e Maxwell, a compreensão dos fenômenos térmicos, tudo levava a crer que a ciência estava perto de chegar ao seu objetivo final, a compreensão de toda a Natureza. Para a surpresa de muitos, experimentos revelaram fenômenos que não podiam ser explicados pelas teorias da chamada era clássica. Não se sabia, por exemplo, se átomos eram ou não entidades reais, já que a física clássica previa que seriam instáveis. Gradualmente, ficou claro que uma nova física era necessária para lidar com o mundo do muito pequeno. Mas que física seria essa? Ninguém queria mudanças muito radicais. Ou quase ninguém.

A primeira ideia da nova era veio de Max Planck. Eis como Planck relatou em 1900 seu estado emocional ao propor a ideia do quantum (o menor valor que certas grandezas físicas podem apresentar): “Resumidamente, posso descrever minha atitude como um ato de desespero, já que por natureza sou uma pessoa pacífica e contrária a aventuras irresponsáveis.” O uso da palavra “desespero” é revelador. Planck viu-se forçado a propor algo novo, que ia contra tudo o que havia aprendido até então e que acreditava ser correto sobre a Natureza. Abandonar o velho e propor o novo requer muita coragem intelectual. E muita humildade, algo que faltava aos que achavam que a física estava quase completa. Planck sabia que a física tem como missão explicar o mundo natural, mesmo que a explicação contrarie nossas ideias preconcebidas. Nunca devemos arrogar que nossas ideias tenham precedência sobre o que a Natureza nos diz.

(O caldeirão azul, 2019. Adaptado.) “Flertando com o desconhecido”, de Marcelo Gleiser.

Por se tratar de um artigo de divulgação científica, predomina no texto uma linguagem

- a) hermética.
- b) rebuscada.
- c) técnica.
- d) acessível.
- e) informal.

GABARITO:

Resposta da questão 1:

[B]

[A] Incorreto. Os textos fazem referência ao universo contrário ao apresentado na alternativa, com destaque para festividades populares.

[B] Correto. A imagem faz referência a uma comemoração popular; a música apresenta o “não-término” do Carnaval para uma foliã.

[C] Incorreto. A música apresenta uma foliã que, mesmo após o término das festividades, permanece em estado de alegria.

[D] Incorreto. Não há intenção de crítica ou de abordagem a aspectos contrários ao que ambos textos apresentam.

[E] Incorreto. Não há menção à alienação cotidiana, mas valorização dos momentos de festividade em ambos textos.

Resposta da questão 2:

[A]

Na primeira imagem, vemos uma senhora lendo um livro e uma criança deitada na cama prestando atenção à tela do que parece ser um “tablet”. Não há, portanto, nenhuma menção ao benefício da leitura, apenas uma apresentação das diferenças geracionais.

Resposta da questão 3:

[B]

Por não apresentar estrutura narrativa com desenvolvimento de ações ou presença de personagens, posicionamento crítico de determinado grupo ou empresa, crítica imparcial com aspectos negativos e positivos, nem citação de fontes e outras informações obtidas através de pesquisas, o texto não pode ser considerado conto, editorial, resenha ou reportagem. Trata-se de uma crônica, por tratar criticamente de um fato histórico da época como mencionado em [B].

Resposta da questão 4:

[D]

A questão central apontada pelo autor no texto é a distorção que as notícias sofrem durante o processo de circulação entre as diferentes mídias. A justificar essa opinião, Umberto Eco relata o ocorrido após uma chamada lectio magistralis quando o texto original foi deturpado, afastando-se do tema desenvolvido, o que demonstra “como as notícias circulam e se deformam

entre os jornais e a web”. Assim, é correta a opção [D].

Resposta da questão 5:

[D]

As alternativas A e C também são recursos expressivos, mas o enunciado usa o advérbio principalmente, portanto, a resposta D torna-se mais adequada. A propaganda utiliza a função conativa da linguagem que tem entre suas características o uso de recursos para aproximar o remetente do destinatário da mensagem. O pronome você, embora conjugado em terceira pessoa, é um pronome de segunda pessoa (como o tu) - com quem o emissor fala.

“Força de vontade” não é uma metáfora. Por isso o erro da afirmação B.

O texto publicitário não amedronta o leitor. A argumentação fundamenta-se nas qualidades do produto. Isso justifica o equívoco da afirmação E.

Resposta da questão 6:

[A]

O último quadro destaca que a situação futura é pior que a antecedente, uma vez que agora toda a família vive aterrorizada.

Resposta da questão 7:

[A]

[A] Correta. Neoconcreto. A representação gráfica corresponde à fotografia, bem como a indicação do movimento ao qual as obras do artista dialogavam.

[B] Incorreta. A pesquisa do artista não pertencia ao período cubista e o desenho não corresponde à representação da fotografia.

[C] Incorreta. O neoclássico não corresponde à estética aqui em questão na escultura de Amílcar.

[D] Incorreta. A representação gráfica não corresponde ao projeto da obra de Amílcar.

Resposta da questão 8:

[C]

A frase da opção [C] descreve o gato sorrindo sarcasticamente ao ver a barata desesperada pela trágica situação em que se encontrava. Ou seja, em situação de evidente desigualdade, zombando da situação do outro, como assinalado no enunciado.

Resposta da questão 9:

[D]

Para defender a ideia de que o paciente nem sempre sai seguro das orientações dadas pelo médico, o texto traz, como estratégia argumentativa, uma pergunta

retórica: “Para que servem e quando mesmo devem ser tomados [os remédios]?”, cuja resposta não é avaliada devidamente, pois “as explicações [do médico] foram tão rápidas, que nem deu para memorizá-las, como se deveria”.

Resposta da questão 10:

[C]

Questão bem elaborada por abordar um fenômeno bastante atual. Aproveitando a moda dos selfies, a charge brinca com um robô tão humanizado que faz questão de postar nas redes sociais seu selfie em marte, para que todos vejam que ele atingiu o seu objetivo.

Resposta da questão 11:

[B]

A expressão “de latinas não tinham um centavo” é de uso figurativo e coloquial e tem como significado revelar que as velas latinas, na verdade, não eram velas latinas.

Resposta da questão 12:

[B]

Ao mencionar “- Meu coração está apertado de ver tantas marcas no teu rosto, meu filho; essa é a colheita de quem abandona a casa por uma vida pródiga”, nota-se que o pai não aceita a decisão que o filho tomou: as marcas na face são vistas pelo pai como sinal da má escolha.

Resposta da questão 13:

[A]

O poeta formula, metaforicamente, por meio do elefante fabricado de seus poucos recursos, o seu processo de criação, comparado a um fazer artesanal que recria um novo universo, capaz de incutir nos leitores o prazer de atribuir novos significados ao mundo em que está submerso: “Eis o meu pobre elefante/pronto para sair/à procura de amigos/ num mundo enfastiado/que já não crê em bichos/e duvida das coisas. Assim, é correta a opção [A], pois ao mandar o elefante à rua, o poeta aponta para um desejo de divulgação daquilo que até então era privado e íntimo.

Resposta da questão 14:

[E]

Ao falar quadro dramático, a charge se utiliza da linguagem metafórica ao se referir ao trânsito no carnaval, tanto com relação às horas de estrada

quanto com relação às mortes ocasionadas por acidentes. Ao mesmo tempo em que faz uma referência (quadro dramático e Guernica de Picasso) cria uma intertextualidade ao gerar uma metáfora que se combina à ideia de Guernica e a guerra que ele retrata.

Resposta da questão 15:

[A]

Trata-se de polissemia da expressão “rede social”, pois tanto pode aludir a interligação de computadores para uso da internet como designar uma espécie de leito/balço onde dorme toda uma família.

Resposta da questão 16:

[B]

Predomina no texto a função fática da linguagem, que ocorre quando há o objetivo e a preocupação de estabelecer e manter um canal de comunicação entre o emissor e o receptor. Esta função está presente em cumprimentos e saudações, bem como em conversas de telefone como acontece no excerto de “Contos de aprendiz”, de Carlos Drummond de Andrade. Assim, é correta a opção [B].

Resposta da questão 17:

[A]

De acordo com o Dicionário Aurélio (Novo Dicionário Eletrônico Aurélio versão 7.0, 2010, 5ª edição), “eufemismo” é o “Ato de suavizar a expressão dum ideia substituindo a palavra ou expressão própria por outra mais agradável, mais polida”. Na afirmação de que “um automóvel é mais belo que a Vitória de Samotrácia”, Marinetti não empregou esse recurso figurativo, pois explicitou claramente a ideia de superioridade da máquina (ideal futurista) sobre a Vitória de Samotrácia (que representaria o passado, a tradição).

Resposta da questão 18:

[E]

A expressão “revolucionário conservador” constitui um paradoxo, raciocínio que contém contradições em sua estrutura pela fusão de dois sentidos numa mesma ideia, criando um efeito de incoerência ou ilogismo. Assim, é correta a opção [E].

Resposta da questão 19:

[E]

É correta a opção [E], pois a estrutura é, predominantemente, expositiva por usar explicações

e dados característicos de um texto informativo.

Resposta da questão 20:

[D]

[A] Incorreto. A campanha pretende conscientizar os colaboradores da instituição a usarem as redes sociais de forma adequada.

[B] Incorreto. A conscientização feita tem como objetivo o uso consciente das redes sociais pelos colaboradores da instituição, não a função social do Facebook.

[C] Incorreto. A campanha incentiva o uso responsável das redes sociais, não sua proibição.

[D] Correto. A campanha incentiva o uso consciente das redes sociais.

[E] Incorreto. A conscientização feita tem como objetivo o uso consciente das redes sociais em ambiente de trabalho, não a divulgação de determinadas práticas.

Resposta da questão 21:

[C]

Estrangeirismos são palavras importadas de outras línguas. Assim, a expressão “fake news”, importada do inglês, é um exemplo de estrangeirismo.

Resposta da questão 22:

[C]

No último parágrafo, posterior à referência do movimento antivacinação, o autor desenvolve a ideia de que a relação entre ciência, tecnologia e sociedade é complexa, já que passa por muitas questões, citadas por meio de perguntas. Entre esses questionamentos, é possível citar o que reflete de que modo a ciência e a tecnologia afetam a qualidade de vida das pessoas.

Resposta da questão 23:

[A]

Em “Rosa de Hiroshima”, a bomba é comparada a uma rosa que, ao explodir, sugere a imagem da flor a desabrochar, flor normalmente relacionada ao perfume e à beleza. No entanto, o poema remete para as horríveis consequências deixadas pela guerra e o ataque atômico provocado pelos Estados Unidos contra o Japão no final da Segunda Guerra Mundial, provocando a morte de mais de 250 mil pessoas, além de graves ferimentos, danos emocionais e psicológicos aos sobreviventes. Em “A face da guerra”, Dalí demonstra todo o terror que cercava a Segunda Guerra Mundial. Na imagem, uma cabeça sem corpo flutua em uma paisagem árida, que simboliza a destruição e o sentimento coletivo de solidão durante

uma guerra, sugerindo desespero, medo e terror. A cabeça é decadente, cercada por serpentes em posição de ataque, os olhos foram comidos pelo tempo, na boca há faces iguais à da face principal, mostrando a contínua destruição causada pela guerra. Assim, é correto afirmar que tanto o poema-canção quanto a imagem apresentados tecem, a seu modo, uma denúncia de cunho social, como mencionado em [A].

Resposta da questão 24:

[D]

Na tirinha, o bode Orelana informa Graúna sobre a incapacidade de voar desta personagem, aparentemente destruindo seu sonho; no entanto, no momento em que ela abre as asas – contradizendo a observação do bode –, é possível interpretar que algumas características em potencial simplesmente não estão nítidas a todos.

Resposta da questão 25:

[D]

De acordo com o dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, ironia é um “modo de exprimir-se que consiste em dizer o contrário daquilo que se está pensando ou sentindo, [...] com intenção depreciativa e sarcástica em relação a outrem”. Pode-se, assim, afirmar que a intenção da capa da Revista Veja é de crítica irônica, pois a situação revela um estudante escrevendo na lousa que a educação no Brasil é ótima, ao passo que comete erros ortográficos em quatro palavras, revelando que a situação do ensino é oposta a que se afirma na frase.

Resposta da questão 26:

[C]

No contexto do excerto, o termo “aparentemente” adquire noção de dúvida quanto ao movimento que deu origem à cultura do cancelamento, como transcrito em [C]: “a cultura do cancelamento aparentemente teve início a partir da mobilização de vítimas de assédio”.

Resposta da questão 27:

[D]

No plano figurativo, vemos um diálogo do poema com a pintura, já que a pintura apresenta a imagem de uma garota que devora um pássaro e o poema trata de um eu lírico que é apelidado de Pica-Flor, devorador de flor. Assim, por meio do plano figurativo, vemos um diálogo entre o poema e a pintura.

Resposta da questão 28:

[D]

Ao afirmar que o interlocutor é “homem de pensar e dos outros como sendo o seu, não é criatura de pôr denúncia”, o narrador caracteriza-o como pessoa que perdoa, desculpa ou releva facilmente, ou seja, clemente, tolerante ou indulgente, como mencionado em [D].

Resposta da questão 29:

[A]

Ao se deparar com o burro caído, o cronista começou a observá-lo e teve a impressão de que o burro fazia um exame detido de consciência. Com isso, ele passou a decifrar as ideias em que o burro parecia estar pensando, presumindo ter descoberto todas as suas reflexões no momento anterior à morte. Esse seria o fato interessante que o levou a escrever a crônica.

Resposta da questão 30:

[C]

Ao responder negativamente às perguntas da jovem sobre o uso de plataformas e aplicativos digitais para estabelecer contatos e relacionamentos com outras pessoas e, em seguida, beijar a moça para exemplificar a forma como o faz, o rapaz demonstra resistência à interferência das tecnologias na comunicação, como se afirma em [C].

Resposta da questão 31:

[C]

Um fato anterior a um tempo passado deve ser indicado pelo pretérito mais-que-perfeito do indicativo, transcrito na frase da opção [C]: “A dedicatória, como todas as dedicatórias, seria a ‘pálida homenagem’ de seu talento ao espírito amigo que lhe ensinara a pensar...” (7º parágrafo).

Resposta da questão 32:

[E]

Nas alternativas [A] e [D], os termos “postergada” e “promulgada” significam adiada e publicada oficialmente, respectivamente, não mantendo, assim, o mesmo sentido de proibição da placa. Em [B] e [C], existe inadequação à norma-padrão da Língua, deveriam ser substituídas por proibida a caça de árvores, e não é permitido caça, respectivamente. Assim, a única frase que pode substituir a inscrição na placa, mantendo-se o sentido e a adequação às regras da gramática normativa, é [E].

Resposta da questão 33:

[C]

Segundo o narrador, Soares invertia os ciclos convencionais de sono e vigília: “velarei de noite, dormirei de dia”. Além disso, não via utilidade em leituras de jornais, em atividades políticas, poesia ou religião, o que demonstra que o personagem recusava-se a se envolver com certos elementos da vida em sociedade, como se afirma em [C].

Resposta da questão 34:

[B]

Segundo o eu lírico, o processo de fixação das pedras decorre da reflexão: ao se depararem com obstáculos no seu caminho, elas passam a refletir e tornam-se imóveis no seu esforço de compreender. Nos trechos finais, em que as pedras lamentam por meio das exclamações “Ai!”, vemos um exemplo dessa reflexão: questionam a serventia da sensibilidade e da inteligência, e permanecem imóveis.

Resposta da questão 35:

[E]

A campanha incentiva a população a denunciar situações que envolvam discriminação racial nas unidades da rede de saúde, uma vez que se utiliza da frase “não fique em silêncio” como forma de indicar que as pessoas não devem ficar caladas quando sofrerem discriminação, isto é, devem denunciar. Além da frase de impacto, vemos a imagem de duas pessoas negras e a mensagem “racismo faz mal à saúde, denuncie”, que contribuem para a interpretação do texto da campanha.

Resposta da questão 36:

[D]

No período assinalado, as palavras “abraçou” e “esposada” são usadas em sentido figurado, com valor semântico de aderiu a e defendida, respectivamente. Ou seja, são usadas em sentido metafórico, como transcrito em [D].

Resposta da questão 37:

[C]

No primeiro parágrafo, o narrador afirma que os ladrões, “naqueles tempos piedosos, raramente ousavam entrar nas capelas e roubar os santos”, ou seja, presume-se que o fato de evitarem esses locais era devido às crenças religiosas, como se afirma em [C].

Resposta da questão 38:

[D]

Tarsila do Amaral foi uma pintora e escultora brasileira, uma das maiores representantes do Modernismo e da Antropofagia no Brasil e no Mundo. A despeito da tela que acompanha a questão, a obra mais conhecida de Tarsila é o Abaporu.

Resposta da questão 39:

[B]

O sentido global da tirinha é constituído a partir de uma relação de oposição, antonímica, entre os vocábulos “muros” e “pontes”, pois, enquanto o primeiro apresenta sentido de separação, o segundo sugere união. Assim, é correta a opção [B].

Resposta da questão 40:

[D]

A ideia de um texto de divulgação científica é aproximar o maior número de leitores de um tema, que pode ser aprofundado em outros textos. Assim, vemos uma linguagem mais acessível, que busca explicar os conceitos de maneira mais didática para os leitores leigos.